

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2012

educativo português, urge, por isso, que se faça uma reflexão, profunda e pedagogicamente séria, acerca do ensino do latim, que nunca poderá andar arredada do aumento do número de anos de aprendizagem e de um novo programa, ajustado a esse percurso formativo.

O latim, com o prémio orgulhosamente conquistado em Venosa, acaba por elevar bem alto o nome do país, que, por ironia, tão mal o tem tratado, em nome não se sabe bem do quê, mas da educação não é com certeza.

JORGE MORANGUINHO

EM VENOSA

Em Venosa, um mundo diferente. Já estou acostumado, em Portugal, aos olhares de dúvida e gozo, quando digo que estudo latim. “Isso não serve para nada”, e eu vou encolhendo os ombros. Em Venosa, tornou-se a coisa mais comum do mundo: italianos, búlgaros, austríacos e outros, todos estudam latim, como se de francês ou alemão se tratasse. Se, por um lado, fiquei contente, ao ver este diferente tratamento das clássicas, a banalização profunda do estudo do latim e do grego desapontou-me, pelo que, esperando uma certa atitude entusiástica, apenas tive um contacto mais intelectual com um dos alunos austríacos, o único com quem pude falar, de facto, em latim.

Venosa é uma vila que não chega a ser uma cidade por não ter mais espaço por onde crescer: a época do concurso deve ser a altura do ano que traz mais turistas ao lugar. Queixamo-nos bastante da questão cultural em Portugal e da degradação do património; pude, todavia, verificar que o mesmo se passa em Itália: visitei um museu, em Melfi, cidade vizinha de Venosa, e fascinei-me com a cópia de artefactos do neolítico, vasos e objectos dos gregos que há muito habitaram a Itália, objectos romanos e medievais, todo um património histórico desconhecido pela maioria dos italianos, tudo num castelo-museu que apenas conta com espaçadas visitas de alguns turistas mais curiosos.

Se já, durante a minha preparação para o concurso, eu tive sempre em mente que a possibilidade de ganhar, não sendo inexistente, era muito reduzida, o choque de Venosa veio acentuar mais esse sentimento. Eram pessoas com o dobro e triplo de anos de latim que eu tenho: embora os

conteúdos leccionados sejam quase os mesmos, os outros tiveram muito mais tempo de os interiorizar. Nunca foi meu objectivo vencer o concurso, e acreditei mais nisto depois de ter feito a prova. E tudo teria valido a pena de qualquer maneira, pelo convívio com pessoas de diferentes países, o espírito de uma juventude dinâmica, o constante *palrar* em inglês e francês. A prova do concurso era bastante concisa: uma ode, o exercício de tradução implícito e um comentário literário. Traduzi em verso, o que me levou bastante tempo: tínhamos quatro horas mais duas para realizar a prova, e eu gastei mais de metade desse tempo a traduzir e a arrumar, da melhor maneira possível, os versos. Ao acabar a tradução, olhei e li orgulhosamente o meu trabalho. Nunca tinha traduzido nada em verso, e a métrica, nem sempre regular, parecia-me satisfatória. O comentário já foi menos promissor: não tivera tempo de estudar muito profundamente os conteúdos temáticos de Horácio, embora pudesse falar dos principais. Terminei a minha prova cansado, indiferente à vitória, mas satisfeito. Este desaparecimento do fantasma da prova permitiu-me desfrutar os dias seguintes.

No domingo de manhã, deu-se a cerimónia de entrega dos prémios. O auditório estava cheio. Os austríacos, com quem eu e o meu professor passáramos mais tempo, estavam ao nosso lado, e eu sabia que haviam de ganhar alguma coisa, talvez mesmo o primeiro prémio. Começou a entrega das menções honrosas dos estrangeiros. Um dos austríacos ficou com uma. Em seguida as dos italianos. Agora os prémios: lá foi o segundo prémio para outro austríaco. “Pronto, acabou”, pensei eu, resignado, céptico, mas todavia tão feliz como dantes. Depois da entrega dos prémios italianos até ao segundo, chegou a altura de anunciar o vencedor dos estrangeiros. O professor Mario Lasala, presidente do júri, começou por dizer que o vencedor escrevera numa língua românica. E o meu cepticismo dizia: “lá foi um dos romenos”. Ele prosseguiu, descrevendo a resolução da prova, mencionando e elogiando a tentativa de versificação. “Eu também fiz isso”. Mas o professor disse que o aluno era de Portugal, e aí eu já não podia ter dúvidas, porque era o único.

O prémio trouxe-me, sem dúvida, grande alegria e também à minha família e aos meus professores. Foi, afinal, a recompensa por um difícil trabalho de estudo para que pudesse competir com os alunos estrangeiros e representar dignamente o meu país. Trouxe o prémio e espero ter renovado as forças e esperanças daqueles que lutaram e lutam pelas clássicas. Sinto, no entanto, pela taciturnidade do nosso Ministério da Educação, que esta vitória

não bastará para resolver a deplorável situação do latim. Portugal tem de ser qualquer coisa de asseado.

ANTÓNIO GIL DA SILVA CUCU